

## **O DESABROCHAR NO TERRENO FÉRTIL: PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO**

*Blossoming in fertile ground: the Brazilian Literacy Program*

Edna Mariana Machado<sup>1</sup>  
Lucimar Alvarenga<sup>2</sup>  
Regina Nascimento Silva<sup>3</sup>

**RESUMO:** *Este trabalho apresenta uma reflexão sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos (EJA), na perspectiva da inclusão social, decorrente de considerações constantes do Relatório Final do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), programa criado pelo Ministério da Educação (MEC), executado com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) e desenvolvido pela Universidade Federal de Uberlândia em parceria com os movimentos sociais. Neste relato, apresentaremos uma análise crítico-reflexiva acerca da alfabetização de adultos, a partir do trabalho realizado na primeira etapa do Programa Brasil Alfabetizado, em 2004, nos municípios mineiros de Uberlândia, Araguari e Ituiutaba.*

**UNITERMOS:** *Alfabetização – Inclusão – Educação de Jovens e Adultos.*

**ABSTRACT:** *This paper reflects on the education of youngsters and adults aiming at their social inclusion based on considerations presented in the final report on actions carried out specifically by the Federal University of Uberlândia in association with local organized social groups developed under the Brazilian Literacy Program. This Literacy Program was created by the Ministry of Education and financed by the National Fund for the Development of Education. We present, in this report, a critical and reflexive analysis on the education of youngsters and adults based on the activities carried out in 2004 in the municipalities of Uberlândia, Araguari and Ituiutaba during the first phase of the Program.*

---

<sup>1</sup> Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora pedagógica do Programa Brasil Alfabetizado.

<sup>2</sup> Professora da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia e coordenadora pedagógica do Programa Brasil Alfabetizado.

<sup>3</sup> Mestranda em História Social na Universidade Federal de Uberlândia, docente na Universidade Presidente Antônio Carlos e coordenadora administrativa do Programa Brasil Alfabetizado.

**KEY-WORDS:** *Literacy – Inclusion – Education of Youngsters and Adults.*

A Universidade Federal de Uberlândia (UFU), por meio de sua Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX) e da Divisão de Apoio à Educação (DIEBS), em parceria com os movimentos sociais e demais entidades que lutam pela construção de novos modos de viver em sociedade, participou da primeira etapa do Programa Brasil Alfabetizado (PBA), sendo a primeira Instituição de Ensino Superior a encampar o programa, criado pelo Ministério da Educação (MEC) e executado com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), contribuindo, assim, para a erradicação do analfabetismo em Uberlândia e região.

### **Explorando o terreno: o analfabetismo em números no Brasil e em Uberlândia.**

Para uma reflexão crítica sobre o analfabetismo no país e sua relação com a exclusão social, é importante considerar que o último Censo Demográfico (2000) identificou a existência de 17,6 milhões de analfabetos entre a população brasileira com 10 anos ou mais de idade. Em relação ao nível de letramento, a partir de dados do IBGE (1996), temos que, do total de 107,1 milhões de habitantes do país com 15 anos ou mais, 15,2 milhões (14,1%) não possui instrução ou possui apenas 1 ano de estudo; 19,3 milhões (18%) possui apenas 1 a 3 anos de estudo; e 36 milhões (33,6%), entre 4 e 7 anos de estudo.

Esses dados apontam para o índice de 66% ou 2/3 do total de habitantes com 15 anos ou mais que não têm acesso sequer ao mínimo estabelecido pela Constituição Federal de 1988, representado pelo Ensino Fundamental completo. A esse vergonhoso número acrescentam-se 9,3 milhões, na faixa de 10 a 14 anos, distribuídos nas categorias “sem instrução” e “1 a 3 anos de estudo”.

Esse contingente excluído da escola é constituído, evidentemente, pela população pobre do país, pelas suas classes populares, com perfil acentuadamente negro, mulheres e trabalhadores braçais, especialmente do campo.

Em Uberlândia, pesquisa realizada, em 2002, pelo Centro de Estudos, Projetos e Pesquisas Econômicas e Sociais (CEPES), do Instituto de Economia da Universidade Federal de Uberlândia (IEUFU), indicou que o município possui uma população de 500.000 habitantes, da qual o equivalente a 10,7% (aproximadamente 6.046 pessoas) é considerada indigente, ou seja, (sobre)vivem com uma renda média de R\$ 40,48. Nesse contexto, a população

pobre, ou seja, a que possui renda média de R\$ 85,00, está estimada em 43,3% (aproximadamente 201.527 pessoas).

No que diz respeito aos níveis de escolarização da população de Uberlândia, essa mesma pesquisa indicou que, no município, 3% da população concluiu o Ensino Superior; 17,5% frequentou o Ensino Médio, de forma completa ou não; e 59,8% frequentou o Ensino Fundamental, de forma completa ou não.

Outro dado importante apontado pela pesquisa é que 15,6% da população uberlandense (cerca de 31.438 habitantes) foram considerados analfabetos ou pessoas que escrevem e lêem, mas nunca frequentaram a escola.

Diante dessa realidade, verificou-se a necessidade de uma ação inter-institucional, com participação direta dos segmentos organizados da sociedade, visando o acesso de pessoas analfabetas ao ensino formal, aumentando, desta forma, o nível de escolaridade da população uberlandense e contribuindo para a inclusão escolar e social desses sujeitos, ainda que sabedores de que *não é a educação que modela a sociedade, mas ao contrário, a sociedade é que modela a educação segundo os interesses dos que detêm o poder* (FREIRE & SHOR, 1986). Concordamos também com os autores que o desenvolvimento de uma educação libertadora, que leve à transformação, não se reduz à questão meramente metodológica e/ou técnica, pois a *questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a sociedade* (FREIRE; SHOR, 1986). Desta feita, em 5 de junho de 2003, foi encaminhado ao MEC/FNDE o projeto da UFU para a alfabetização de jovens e adultos no âmbito do Programa Brasil Alfabetizado.

### **Conhecendo a semente: elementos identificadores do programa**

O Programa Brasil Alfabetizado foi lançado oficialmente em Uberlândia em 16 de outubro de 2003. Para sua implementação, a UFU contou com a participação da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis (PROEX), da Diretoria de Extensão (DIREC), da Divisão de Apoio à Educação Básica (DIEBS), da Escola de Educação Básica (ESEBA) e da Faculdade de Educação (FACED), e com a parceria de duas instituições de ensino superior (UNIMINAS e Faculdade Católica), da Superintendência Regional de Ensino de Uberlândia, da Secretaria Municipal de Educação e de entidades como pastorais, associações de moradores, sindicatos, igrejas católicas e evangélicas.

O Programa foi desenvolvido no período de 31/09/2003 a 31/05/2004, com jovens e adultos que, por motivos diversos, não tiveram acesso à leitura e à escrita. Dada à procura

pelo programa, abarcamos os municípios de Araguari e Ituiutaba, ampliando a área de abrangência do mesmo.

O PBA esteve orientado pela perspectiva da ampliação e da democratização do ensino, possibilitando às camadas economicamente desfavorecidas o acesso ao código alfabético como parte de um processo mais amplo de letramento, na busca da inclusão social e do exercício da participação, do diálogo e da pluralidade de expressão entre os envolvidos, enquanto procedimentos essenciais para a construção de projetos educativos emancipatórios e inclusivos. Segundo Lopes (2004),

*ler e escrever são atualmente duas práticas sociais básicas em todas as sociedades letradas, independentemente do tempo médio com elas despendido e do contingente de pessoas que as praticam. O domínio dessas habilidades demonstra ter dois tipos de aplicação na vida das pessoas. Em primeiro lugar, propicia instrumentos para que os indivíduos enfrentem demandas específicas do sistema urbano moderno (movimentação na cidade grande, manejo de documentos e instituições burocráticas, trabalho em empregos de organizações complexas, etc.), pois podem ler os nomes de ônibus e ruas, fazer testes de admissão a empregos, lidar com relógio de ponto, preencher formulários, entre outros. O segundo tipo de aplicação dos usos da leitura e da escrita refere-se à possibilidade das pessoas, efetivamente, lerem e escreverem qualquer coisa que queiram, isto é, de realmente exercerem o potencial letrado que possuem e de usufruírem desse instrumento adquirido (LOPES, 2004).*

Ainda, conforme Paulo Freire, *se o processo for libertador, os estudantes e os professores empreenderão uma transformação que inclui o contexto fora da sala de aula* (FREIRE & SHOR, 1986).

Nessa perspectiva, o Programa visou à alfabetização de jovens e adultos, que não tiveram acesso ao ensino regular; a seleção e a capacitação de alfabetizadores atuar no programa; a mobilização da sociedade no que tange à inclusão da população-alvo do programa no direito à educação, garantindo a sua efetiva inserção no mundo letrado e melhoria na qualidade de vida; a ampliação do processo de formação dos alfabetizadores, por meio do resgate de experiências em alfabetização de adultos, a fim de que os mesmos pudessem vir a elaborar e a desenvolver projetos de alfabetização orientados pela promoção dos direitos de cidadania.

## **Semeando e Cultivando o plantio: as ações**

O Programa Brasil Alfabetizado foi desenvolvido por meio de duas ações: Formação de Alfabetizadores e Alfabetização de Jovens e Adultos.

### **a) Formação de Alfabetizadores**

Os 100 alfabetizadores selecionados participaram de um curso de capacitação, com carga horária de 90 horas, antecedido de formação inicial e complementado de forma contínua. Na capacitação, foram abordados aspectos político-pedagógicos referentes à Educação de Jovens e Adultos (EJA) e à alfabetização, na perspectiva da inclusão social e escolar.

A Formação Inicial, com carga horária de 33 horas, foi realizada por meio de estratégias pedagógicas diversas, como: debates, exposição dialogada e oficinas pedagógicas.

A Formação Continuada foi desenvolvida nas 47 horas restantes, ao longo do Programa, por meio de encontros e seminários, com o propósito de fornecer subsídios para a superação das dificuldades vivenciadas em sala de aula, garantir a apropriação de pressupostos teórico-práticos pelos alfabetizadores e propiciar a troca de experiências entre os mesmos.

Todo esse processo buscou ampliar a formação dos alfabetizadores, por meio da reflexão crítica sobre o analfabetismo no país; do resgate de experiências em alfabetização de adultos; da capacitação para elaborar e desenvolver projetos de alfabetização; de debates sobre alfabetização e letramento; da análise crítica das teorias psicopedagógicas sobre dificuldades escolares e das políticas educacionais que buscam equacionar essas dificuldades; da discussão metodológica de alfabetização; da reflexão sobre alfabetização na perspectiva da Educação Popular; da elaboração de materiais pedagógicos para o desenvolvimento dos processos de alfabetização.

É importante ressaltar que, como parte do processo de formação, os alfabetizadores puderam contar com o assessoramento de dezoito coordenadoras pedagógicas, que assumiram, voluntariamente, a responsabilidade de realizar visitas às salas de alfabetização e prestar consultoria pontual e individual aos alfabetizadores, o que requereu um trabalho contínuo de planejamento, replanejamento e avaliação das atividades realizadas com os educandos, no qual o pensamento pedagógico de Paulo Freire e sua proposta para alfabetização de adultos foram a base para as discussões teórico-metodológicas e para a formulação e reformulações das práticas pedagógicas implementadas.

## **b) Alfabetização de Jovens e Adultos**

O Programa Brasil Alfabetizado, no âmbito da UFU, teve como meta a alfabetização de 2000 jovens e adultos. Assim, foram atendidas pessoas das zonas urbanas e rurais de Uberlândia, Araguari e Ituiutaba, bem como assentamentos, acampamentos e lixões destes municípios.

O trabalho de alfabetização visou a promoção, a interlocução e a ampliação de saberes, bem como o resgate da história de vida dos alfabetizandos, por meio de conteúdos trabalhados de forma contextualizada, fortalecendo, assim, a cidadania e a consciência dos alfabetizandos como sujeitos atuantes na sociedade, lembrando que a sala de aula de uma educação que se caracteriza libertadora, como pretendemos nesse Programa, exige que se pense e escreva sobre as questões do interesse e do cotidiano dos alunos, discutindo-as seriamente.

O processo de alfabetização, desenvolvido em uma carga horária de 200 horas, foi acompanhado pelos coordenadores pedagógicos, que atuaram com os alfabetizadores, apoiando-os, orientando-os e esclarecendo dúvidas, de forma a garantir uma melhor qualidade do ensino e da aprendizagem. Nesse trabalho, por meio dos encontros com os alfabetizadores, das visitas às salas de alfabetização, da análise das produções dos alfabetizandos, das trocas de experiências entre os envolvidos, verificamos que foram utilizados, pela maioria dos alfabetizadores, métodos e técnicas de ensino adequados à clientela em pauta, como alguns recomendados por Parreiras (2002):

*letras maiores; contrastes de cores; textos curtos que não forcem a visão durante muito tempo; tom de voz e posicionamento em sala, sempre diante do aluno que apresenta alguma dificuldade auditiva, para que ele possa acompanhar sua fala pela leitura labial etc. Faz-se necessária também, uma adequação do ambiente como, por exemplo, a boa iluminação das classes noturnas (PARREIRAS, 2002).*

Ressaltamos que, no trabalho com os alfabetizandos, foram focados temas que permeiam o cotidiano dos alunos como: o meio ambiente, o papel da mulher na sociedade, o mundo do trabalho e do emprego, a violência, questões salariais, o índio, a campanha da fraternidade, dentre outros. Os problemas dos bairros, dos municípios, da família, do dia-a-dia no trabalho, em casa e na própria sala de aula foram bastante explorados, tanto para o desenvolvimento dos conteúdos de Português e Matemática, que são básicos, quanto para o trabalho com os temas transversais. Para tanto, foram utilizadas estratégias de ensino que

possibilitaram o manuseio de folhetos de supermercados, panfletos de propaganda, receitas, contas de luz e água, orçamento familiar, textos informativos e poesias, dentre outros. Também os dados de identificação pessoal foram explorados, no sentido de aprofundar a compreensão e a valorização do indivíduo enquanto sujeito histórico, político e social.

Enfim, tentou-se explorar a vivência do aluno quanto à melhoria da compreensão do mundo que o cerca e ao domínio da leitura e da escrita no processo inicial de alfabetização, procurando trabalhar na lógica de uma práxis educativa emancipatória. Contudo, salientamos um problema muitas vezes presente em algumas ações do EJA e que não deixou de se apresentar também no PBA: o fato de que alguns profissionais que vieram integrar tanto o coletivo de coordenadores como, e principalmente, o de alfabetizadores, terem experiência apenas com as séries iniciais e regulares do Ensino Fundamental. Isto exigiu de todos um esforço maior para realizar rupturas, adaptações e mudanças de postura, de estratégia e de conteúdos. Como sabemos, o trabalho com o aluno adulto não é uma tarefa fácil e de retorno rápido. A reflexão, a análise, a conscientização e a criticidade que permitem a construção da identidade do educador ocorrem na ação-reflexão-ação, afinal a transformação é um processo.

### **O desabrochar no terreno fértil: as reações**

O Programa Brasil Alfabetizado contribuiu para o processo educacional de Uberlândia e região e para a inclusão social de centenas de pessoas, como podemos constatar abaixo, pela percepção de alguns de seus atores.

### **Os alfabetizadores se expressando**

O Programa Brasil Alfabetizado foi desempenhado a contento, de acordo com a avaliação dos alfabetizadores, expressa em relatório escrito, apesar de algumas dificuldades evidenciadas especialmente na fase inicial.

A Capacitação Inicial foi lembrada por eles como proveitosa, como um momento em que foi possível esclarecer diversas questões sobre a Alfabetização de Jovens e Adultos e enfatizar as metodologias de ensino fundamentadas na proposta freireana, primada pela conscientização, pelo diálogo, pela educação como um ato político.

Quanto à Formação Continuada, os alfabetizadores a avaliaram como positiva, uma vez que propiciou trocas de experiências, reflexão acerca das diversas concepções de mundo,

de sociedade, de educação e de homem, que fundamentam a prática educativa. Na visão deles, as ações foram direcionadas para a busca do objetivo de formar o cidadão e de contribuir para a inclusão social dos sujeitos concretos e históricos – os alfabetizandos.

A transparência, a competência e o compromisso de alguns coordenadores com a inserção social foram pontos ressaltados na avaliação dos alfabetizadores. Também foi lembrado o trabalho das entidades e dos órgãos parceiros que contribuíram com o fornecimento de lanches, cestas básicas e transporte para alfabetizadores e alfabetizandos.

De grande relevância, ainda, foi apontada a iniciativa da PROEX em assumir um programa desse porte, empenhando-se para o sucesso do mesmo. Apesar dos percalços, o PBA foi considerado um projeto vitorioso por representar a luta pela melhoria da qualidade de vida dos atores sociais excluídos, que passa pela questão do humano, do ser cidadão numa sociedade como a nossa. Essa, inclusive, era uma das grandes expectativas iniciais dos alfabetizadores – participar de um projeto sério, grandioso, de qualidade, que procurasse favorecer a inserção social e trabalhasse em benefício dos excluídos – o que representa um grande desafio para os educadores formais e informais.

Como todo programa, o PBA também apresentou problemas na sua implementação. Assim, algumas dificuldades foram apontadas pelos alfabetizadores em suas críticas, dentre as quais destacamos: a baixa remuneração do professor e a dificuldade no atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com problemas de visão e audição, e portadores de deficiências físicas e mentais.

A questão da alimentação, não prevista nos recursos do programa, foi outro fator de interferência na aprendizagem, visto que não são apenas crianças que com fome não aprendem. Adultos cansados do trabalho e ainda com fome, mesmo com toda força de vontade de aprender, são prejudicados no processo de crescimento intelectual. Nesse sentido, nos reportamos a um outro ponto de crítica: a parceria, que se tivesse acontecido como pensada e proposta, teria sido de maior valia, já que ficou constatado que as turmas que receberam alguma espécie de auxílio dos parceiros tiveram rendimento superior àquelas que não receberam nenhum auxílio.

Outra dificuldade apontada foi em relação às visitas dos coordenadores pedagógicos que, conforme os alfabetizadores, foram poucas, representando uma perda, não só pelo suporte pedagógico e pela confiança dirigida aos professores, como pela presença nas salas de aula, o que daria maior confiabilidade ao programa e auxiliaria na elevação da auto-estima dos alfabetizandos, uma vez que esses encontros significavam oportunidades para conversar, falar dos estudos, dos desejos, das necessidades e dos sonhos ora vividos.

Finalmente, constatamos que a maior crítica dos alfabetizadores foi direcionada à carga horária das atividades pedagógicas com os alfabetizandos (200 horas), considerada insatisfatória para o propósito do Programa, ou seja, a alfabetização como possibilidade de inserção social, como melhoria de qualidade de vida, como algo que ultrapasse em muito o analfabetismo funcional.

### **A visão dos coordenadores**

A partir de relatórios dos coordenadores pedagógicos, apresentamos abaixo uma síntese dos pontos negativos e positivos, bem como os encaminhamentos apresentados e discutidos durante os trabalhos, com o objetivo de contribuir para os avanços e replanejamentos necessários para o bom andamento do Programa Brasil Alfabetizado.

Como pontos positivos foram destacados: a contribuição do programa para a inclusão educacional e social de jovens e adultos; a relação estabelecida com os alfabetizandos, que possibilitou conhecer melhor suas realidades e necessidades; o despertar dos alfabetizadores para uma nova prática educacional, que prioriza não só as habilidades cognitivas de leitura e escrita, mas também as habilidades de linguagem (saber ouvir e falar); o resgate do desejo de continuar os estudos, manifestado pela grande maioria dos alfabetizandos.

Os pontos negativos apresentados foram: período de seleção dos beneficiários do programa relativamente curto, impedindo, em várias situações, a formação de turmas na realidade local; tempo e período destinados à alfabetização insuficientes para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico à luz da pedagogia freiriana; a existência de algumas práticas pedagógicas focadas na aquisição apenas de habilidades cognitivas de leitura e escrita; evasão e baixa frequência por parte dos alfabetizandos.

Os encaminhamentos apontados pelos coordenadores, a partir da experiência com a primeira etapa do PBA, foram: constituição de um Núcleo de Educação de Jovens e Adultos; capacitação de alfabetizadores com cursos mais frequentes; confecção conjunta do material didático-pedagógico a ser utilizado em sala; ajuda de custo aos coordenadores; recadastramento de alunos que não conseguiram ser alfabetizados; ampliação do prazo do programa para, no mínimo, um ano; organização de grupos de estudos para aprofundar as discussões teóricas, práticas e temáticas sobre Alfabetização de Jovens e Adultos; garantia do acesso e da permanência dos alunos egressos do PBA nos programas municipais e estaduais que oferecem educação de adultos.

## **Os alfabetizandos depõem**

As visitas às salas de aula propiciaram um contato mais direto com os alfabetizandos. Por meio de conversa informal e de entrevista semi-estruturada, foi possível coletar informações relevantes para a coordenação pedagógica. Os alfabetizandos, ao serem questionados sobre o significado e a importância da alfabetização em suas vidas, responderam: “oportunidade de realizar sonhos e necessidades”; “agora posso escrever as músicas que faço”; “poder acompanhar a vida escolar dos meus filhos, participar das reuniões, ajudar nas tarefas de casa”; “poder me sentir à altura de meu marido, porque ele tem o segundo grau, sempre faz reuniões de trabalho lá em casa e eu fico com vergonha, não consigo me aproximar mais, conversar”; “não quero mais me sentir humilhada, dependente de todos”; “quero deixar de me sentir cego, porque o conhecimento é a luz do mundo”; “desempenhar melhor o meu trabalho, porque sou empregada doméstica, preciso atender bem ao telefone, anotar recado, ler uma receita e outras coisas. Se eu conseguir isso, vou ficar muito feliz”; “poder conversar com meus filhos, parentes, amigos e vizinhos sem me sentir pequena e envergonhada”; “agora que estou aprendendo a ler e escrever, estou me sentindo bem mais alegre, me solto mais nas conversas”; “além de aprender a ler e escrever, é muito importante estar aqui por causa das amizades”; “aqui nas aulas a gente conversa sobre muitas coisas importantes; o que mais gostei até agora foi discutir sobre a mulher, porque eu pude falar sobre minha mãe, que está longe, e pensar como a gente tem que dar valor mesmo às mulheres”.<sup>4</sup>

Quanto aos alfabetizadores, muitos alunos enfatizaram que a característica mais importante apresentada por eles foi a paciência. Ressaltaram que viam o alfabetizador mais do que professor, mas como amigos, pessoas especiais e abençoadas, conforme depoimento de uma aluna – “os alfabetizadores são anjos que vieram do céu”.

## **A colheita: elucidações conclusivas**

A partir dessas considerações, consideramos ter sido importante para os envolvidos participar de um programa como este, principalmente por estarmos próximo de jovens e adultos excluídos socialmente, escutando-os, partilhando de suas expectativas e podendo contribuir para sua promoção social e pessoal, pelo avanço na sua capacidade de leitura do mundo e do meio social no qual se encontram inseridos.

---

<sup>4</sup> Depoimentos coletados nas salas de aula para o relatório final das atividades do Programa Brasil Alfabetizado.

É importante destacar que os ganhos obtidos pela instituição com a realização do programa devem ser analisados à luz de indicadores da relevância social do mesmo, associando-os ao cumprimento da função política e social das Instituições Públicas de Ensino Superior:

- a) Relevância social, econômica e política do problema focado pelo programa: a alfabetização e o encaminhamento de, aproximadamente, 60% de egressos do PBA para a EJA do município, distribuindo-os nas séries do ensino fundamental, demonstra uma contribuição significativa para o processo de inclusão escolar, e, por conseguinte para a inclusão social dessas pessoas. Isto porque, tal como revelou diferentes pesquisas socioeconômicas, a situação de analfabeto pode ser associada às condições precárias de subsistência de determinadas pessoas
- b) Interação com os órgãos públicos, privados e movimentos sociais: para a realização do projeto, a UFU mobilizou diferentes setores da sociedade, comprometendo-os com a erradicação do analfabetismo;
- c) Criação de espaços de produção e socialização de conhecimentos, construídos a partir de uma realidade objetiva, visando à transformação da situação de analfabetismo em Uberlândia, Araguari, Ituiutaba, acampamentos, assentamentos e lixões.
- d) Criação, na UFU, de um espaço de debate e de elaboração de teorias e práticas pedagógicas sobre alfabetização de adultos, com a participação das coordenadoras pedagógicas do programa, responsáveis pelo planejamento e pela implementação da formação continuada dos alfabetizadores e, também, pela sistematização e publicação da experiência do programa em Uberlândia.
- e) Articulação com o ensino e a pesquisa: envolvimento de duas alunas do Programa de Mestrado em Educação e uma do Programa de Mestrado em Psicologia, inclusive com produção de artigos e relatos de experiências apresentados em revistas, seminários e congressos. O projeto contou também com a participação, por meio de estágio, de uma aluna do curso de Ciências Sociais.
- f) Criação de um Conselho Gestor, composto por diferentes agentes sociais, como membros da organização sindical e de associações de moradores, contribuiu para formar multiplicadores e potencializar processos de alfabetização de jovens e adultos.

No acompanhamento dos trabalhos, ficou a certeza do quanto ainda é preciso fazer para a construção de políticas mais eficazes para a Alfabetização de Jovens e Adultos, e que, no grupo, mesmo com alguns limites impostos, devidos inclusive à complexidade existente nesse tipo de ação, chegamos ao final do programa desejosos por continuar contribuindo para uma sociedade mais justa e democrática e para uma educação inclusiva.

Considerando que no processo de alfabetização de adultos deve-se levar em conta as experiências desse sujeito, suas necessidades e expectativas e a valorização de sua cultura e de seu conhecimento, os alfabetizadores foram orientados e capacitados para atuar de forma a garantir o desenvolvimento de um processo que partisse da realidade do aluno, seu contexto histórico, político, econômico e social, de forma a se construir uma relação democrática e orgânica entre professores, alunos e sociedade. Enfim, procuramos trabalhar para aflorar e desenvolver as potencialidades, as competências e as habilidades de jovens e adultos excluídos do mundo letrado.

Nessa perspectiva, os diversos sujeitos atuantes no projeto foram percebidos, sempre, como seres humanos, sociais, criativos e inteligentes, cognitiva e emocionalmente falando, por isso, **terreno fértil**, pronto o **desabrochar** pleno da cidadania.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Manual de Orientações: Assistência Financeira a Programas e Projetos Educacionais. Brasília: FNDE, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (Brasil). Censo Demográfico. Brasília, DF, 2000.

CASÉRIO, V. M. R. *Educação de Jovens e Adultos: pontos e contrapontos*. Bauru: EDUSC, 2003.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P e SHOR, I. *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

PARREIRAS, P. Jovens e Adultos na Escola: Aprendizagens Diferenciadas. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte: Dimensão, v. 8, n. 47. set./out., 2002.